

Reprodução

Infecções uterinas agudas afetam quase 30% das vacas de alta produção

Mônica Costa

É comum, no período pós-parto, as vacas apresentarem processo inflamatório no útero. Entre as infecções mais frequentes e prejudiciais à vaca leiteira de alta produção estão a metrite aguda, a endometrite clínica e a subclínica. Estas três doenças comprometem o bem-estar animal e trazem prejuízos ao produtor porque reduzem a produção leiteira, aumentam o intervalo entre partos e a taxa de descarte. Para evitar a ocorrência e o agravamento do quadro, especialmente em rebanhos leiteiros, o criador precisa manter o controle nutricional e higiênico das fêmeas.

Conhecer os sintomas e o momento de combatê-las ajuda a reduzir os prejuízos

Uma vaca afetada com metrite aguda aos 8 dias pós-parto tem grandes chances de ser afetada por endometrite clínica aos 21 dias e por endometrite subclínica aos 35 dias após o parto. Neste último estágio, a doença torna-se crônica, deixa o animal infértil e obriga o produtor a proceder o descarte. Apesar de grave, as infecções uterinas agudas, e suas consequências, afetam menos de

30% do rebanho leiteiro.

Especialistas afirmam que a contaminação bacteriana do útero acomete até 93% das matrizes no período pós-parto. “Em vacas saudáveis, o próprio organismo de defesa consegue combater as infecções em até 45 dias após o parto sem que haja necessidade de intervenção profilática”, afirma Roberto Sartori, professor doutor do Departamento de Zootecnia da Esalq-USP e orientador de pós-graduação da Esalq-USP e da Faculdade de Medicina de Veterinária e Zootecnia, campus de Botucatu, nas áreas de Fisiologia e Biotecnologia Reprodutiva em Ruminantes.

Sartori alerta para a necessidade de

Ambientes limpos e secos reduzem os riscos de infecção uterina



Reprodução

um diagnóstico preciso afim de evitar o investimento no tratamento de uma infecção que pode ser debelada pelo próprio animal. “A metrite puerperal, que são as infecções uterinas observadas no período pós-parto, não exige tratamento”, afirma. Só nos casos de infecções agudas, o pecuarista deve fazer o uso sistêmico de antibióticos para ajudar na recuperação do animal. “O tratamento terapêutico tem alto custo, portanto só deve ser utilizado quando extremamente necessário”, completa.

A fase de detecção da metrite, ou infecção uterina, também não encontra unanimidade entre os especialistas em reprodução animal. “Atualmente é impossível fazer uma prevenção total das enfermidades uterinas, sempre encontraremos esses casos nas propriedades leiteiras”, diz Rodrigo Bicalho, professor assistente de medicina veterinária na Universidade de Cornell em Nova Iorque, EUA.



Também não há consenso sobre as causas dessas infecções. Sabe-se, contudo, que a contaminação uterina ocorre especialmente no momento da saída do bezerro, quando as barreiras anatômicas naturais (vulva, vagina e cérvix) estão abertas e as bactérias presentes no ambiente externo, especialmente na região de períneo e vagina, aproveitam para colonizar a região.

Em animais saudáveis, os microorganismos são eliminados em poucos dias. Nas 48 horas após o nascimento do bezerro, a vaca desprende a placenta e evacua a maioria dos lóquios – sangue, muco e tecidos – do interior do útero. “A expulsão dos fluídos deve estar completa ao final de duas semanas e a involução, que é a redução do tamanho uterino com a recuperação do endométrio, se conclui por volta de 40 a 50 dias após o parto” afirma Tiago Lopes, médico veterinário e gerente de produtos pecuária da MSD Saúde Animal.



Segundo Lopes, se houver alguma mudança no mecanismo de involução uterina, as bactérias conseguem se pro-

Colonização bacteriana afeta camadas musculares internas do útero



“Realizamos exames ginecológicos de rotina, por isso conseguimos diagnosticar e debelar as infecções logo no início”.

liferar e provocar danos ao endométrio, o que pode comprometer a fertilidade. Quando isso ocorre, a secreção, que deveria ser limpa, semelhante a uma clara de ovo, apresenta grande volume de tóxicos e pedaços de membranas fetais. O fluido, que torna-se fétido e provoca desconforto no útero, é expelido a partir da vagina por frequentes movimentos de esforços expulsivos, semelhantes às contrações. “Vacas com esse problema, embora estejam ciclando não emprenham quando inseminadas ou cobertas e repetem o cio após alguns dias. Em alguns casos, a vaca nem sequer entra no cio”, completa o veterinário.

Sintomas

“A primeira reclamação dos pecuaristas é justamente o mal cheiro exalado pelas vacas cerca de uma semana depois do nascimento da cria. Se há um histórico de parto difícil ou ambiente sujo, a possibilidade de metrite aguda é grande”, diz Gilberto Beringer, médico veterinário, que atende 15 fazendas leiteiras com rebanhos das raças Holandês e Girolando, na região do Vale do Paraíba, interior de São Paulo. Cada propriedade tem cerca de cem vacas em lactação e produção média diária, que varia de 1.500 a 3.000 litros de leite. O odor ruim é, portanto, o primeiro sinal de anormalidade na recuperação das matrizes após a parição.



O veterinário conta que nas fazendas que assiste cerca de 15% das vacas desenvolvem a metrite aguda. “Realizamos exames ginecológicos de rotina, por isso conseguimos diagnosticar e debelar as infecções logo no início”. Além da palpção retal, o especialista faz ultrassom

Reprodução

O fluido constante e fétido após o parto é o primeiro sinal da metrite aguda

e vaginoscopia. Embora os exames clínicos forneçam dados confiáveis para confirmar a metrite puerperal aguda, é aconselhável a realização de exames de sangue para a detecção de infecções subclínicas, sem sintomas aparentes.

Além da diarreia fluída e fétida, a metrite aguda provoca apatia, falta de apetite, desidratação, febre (39,5 a 41,5°C), aumento das frequências cardíaca (96 a 120/min.) e respiratória (60 a 72/min.) e diminuição dos movimentos ruminais. A doença se manifesta com maior frequência entre o 6º e o 8º dia após o parto, e atinge especialmente vacas com escore corporal igual ou abaixo de 2 ou acima de 4, ou seja, vacas abaixo ou acima do peso.

Os microorganismos presentes no útero desencadeiam um processo inflamatório da mucosa do endométrio e de necrose e descamação das camadas musculares internas do útero. Essa modificação do ambiente uterino afeta a fertilidade do bovino porque compromete o trânsito do esperma, impede o reconhecimento materno da gestação e pode até provocar a morte do embrião ou do feto.

Nos casos em que a infecção persiste, cerca de duas semanas após o início do tratamento, desenvolve-se a endometrite clínica. “Neste estágio, os riscos são maiores porque a doença já não apresenta sinais externos e pode passar despercebida pelo criador”, afirma Pedro Augusto Silva Silveira, médico veterinário, pesquisador do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Pelotas e membro do Núcleo de Pesquisa, Ensino e Ex-



Admite-se que cerca de 10% a 20% dos animais que repetem o cio sem causa aparente são portadores de endometrite clínica.

tensão em Pecuária (NUPEEC).

Ele explica que, nesta fase, o endométrio começa a se regenerar e o processo inflamatório agudo dura poucos dias. “O único sintoma clínico indireto é a repetição do cio, pois o ovário está saudável, mas o útero não tem condições de conceber os óvulos”, explica. Admite-se que cerca de 10% a 20% dos animais que repetem o cio sem causa aparente são portadores de endometrite clínica. Embora não haja mais a expulsão de microorganismos, a decomposição de células inflamatórias se mantém e, um mês

após o início dos sintomas, a infecção pode se tornar crônica e o animal ficar irreversivelmente infértil, sem apresentar qualquer anormalidade clínica.

O avanço das infecções, bem como a resposta eficiente aos tratamentos, não é homogêneo e depende das condições imunológicas e de manejo de cada animal. “O mais indicado é respeitar o ciclo reprodutivo, sempre utilizando tratamentos hormonais com cautela e segurança”, sugere Tisa Echevarria Leite, médica veterinária, doutora em Produção Animal pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e professora adjunta de zootecnia na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), em Dom Pedrito, RS.

Cuidados e prevenção

A metrite está essencialmente ligada à falta de higiene durante o parto. Em propriedades onde há um devido controle da data de cobertura ou inseminação é possível prever a data de parição para manter as vacas no piquete-maternidade,

Reprodução

ou em ambientes limpos e secos até o momento do parto. A contaminação bacteriana do útero se dá através das fezes e urinas. “Entre as vacas mais sujas a possibilidade de desenvolver metrite é de 22,4% e nas mais limpas, 10%”, afirma Bicalho, da Universidade de Cornell.

O manejo nutricional é outro fator importante nesse período. Nas três se-

manas pré-parto até três semanas após o nascimento do bezerro, o criador deve assegurar que a vaca receba uma dieta rica em alta fibra. “A ração deve estar baseada em sal mineral, o que aumenta a absorção de cálcio pela vaca e previne a hipocalcemia, também conhecida como febre do leite, além de fortalecer a cervix do animal para o parto”, com-

pleta Beringer.

Todos esses cuidados ajudam a eliminar os riscos de complicações no parto, como abortos, partos prematuros ou distocia e retenção de placenta entre outros. “Abortos e distocias podem causar a retenção de placenta, que é um grande vetor do aparecimento da metrite”, explica a professora de zootecnia da Unipampa.